

**O**novo presidente da Petrobrás, Roberto Castello Branco, anunciou que a empresa irá ofertar todos os ativos que forem de interesse do mercado: gasodutos, terminais, refinarias, termelétricas, distribuidoras, campos do pré-sal, enfim, todos os chamados 'ativos' da empresa serão entregues às petrolíferas estrangeiras que quiserem entrar no mercado nacional.

Os planos do governo hoje são outros e mais ousados do que estava sendo desenhado para o ano de 2018, quando se previa a venda de 60% do refino nacional, com expectativa de arrecadação de R\$ 5 bi pelas vendas.

A soma é irrisória perto do que as refinarias nacionais arrecadam em um ano de produção. Mesmo com a redução de até 40% da produção nas refinarias nacionais e aumento da importação de combustíveis, somente o lucro do primeiro trimestre de 2018 da área de refino foi de R\$ 3 bilhões.

O mesmo aconteceu com a siderúrgica Usiminas, que em seu último ano como estatal, em 1991, faturou US\$ 1,6 bi, mas foi vendida com mais duas estatais por US\$ 2,1 bi. Menos de três anos após sua venda, a siderúrgica ultrapassou a barreira dos US\$ 2 bilhões em

faturamento, atingindo em 94 seu recorde histórico, de US\$ 2,3 bilhões.

Mais grave ainda foi com a Vale do Rio Doce (hoje Vale), que foi vendida por R\$ 3,3 bilhões, quando somente as suas reservas minerais eram calculadas em mais de R\$ 100 bilhões à época.

Além de prejuízo aos cofres da União, não é exagero dizer que retirar a Petrobrás do refino nacional irá aumentar ainda mais o desemprego no país. De acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), a cada R\$ 1 bilhão injetado na área de refino são gerados 32 mil empregos diretos e indiretos na região onde se investe.

De 2003 a 2013 a Petrobrás investiu R\$ 172 bilhões nos parques de refino, que representaram a criação de 5 milhões de empregos em todo o país.

As refinarias do estado de São Paulo concentram 38% da produção nacional de combustíveis. Além das refinarias, quem fechar o negócio receberá de bandeja um mercado efervescente e pronto para ser explorado, além de toda infraestrutura construída pela Petrobrás para baratear custos.

## Qualquer comparação não é mera advertência

Empresas como Usiminas e Vale, que foram privatizadas na década de 90 por preços muito abaixo de seu valores, e pagos com recurso do BNDS, mostram agora, passados mais de 30 anos o resultado de suas vendas: bilhões de lucros para os seus acionistas, centenas de mortes de trabalhadores em acidentes do trabalho, destruição do meio ambiente e milhões de desempregados em todo o país. Os exemplos mostram que a mesma lógica do lucro dessas empresas será seguida por quem comprar a Petrobrás:

### Desemprego

Logo nos primeiros meses de fechada as ven-

das das refinarias, podemos prever a demissão de milhares de trabalhadores, devido à diminuição da produção de derivados do petróleo no Brasil e aumento da importação das matrizes para o mercado nacional. Podemos citar o exemplo da Exxon Mobil, que tem interesse em adquirir refinarias no país, e que está com 60% de sua produção nos EUA ociosa.

Desde a abertura do mercado brasileiro à importação de combustíveis o país que mais se beneficiou com a medida foi os EUA, que forneceram em 2018 80% do diesel utilizado no Brasil.

O exemplo da Usiminas mais uma vez mostra o mau negócio que os estados e municípios estão fazendo em apoiar o plano de privatiza-

ção do governo federal. De acordo com estimativa feita por José Nicolau Pompeo, economista e professor da PUC-SP, em matéria publicada no jornal O Globo, na época, o desmonte do setor siderúrgico em Cubatão, com a demissão de quatro mil pessoas da empresa, pode ter sido responsável pelo fechamento de 30 mil vagas na região. Os efeitos das demissões podem ser observadas ainda hoje, todas as segunda, quartas e sextas, em frente ao Posto de Atendimento ao Trabalhador (PAT) de Cubatão, quando um mar de trabalhadores se aglomeram em busca de uma vaga de emprego.

#### **Aumento de acidentes e desastres ambientais**

Os desastres nas cidades mineiras de Mariana e Brumadinho, causados pela Vale, são mais uma prova de que a privatização não causa apenas prejuízos financeiros para o país, mas ambientais e sociais. O rompimento da barragem da Vale em Mariana, em 2015, deixou um rastro de destruição que se estendeu por dois estados (Minas Gerais e Espírito Santo) e causou 19 mortes registradas. Em Brumadinho, até o momento foram encontrados 169 corpos e 141 pessoas continuam desaparecidas.

Como foi evidenciado por relatórios da empresa Vale, divulgado pela imprensa, a empresa contabilizou cerca de 100 mortes e apontou as possíveis consequências de um eventual colapso da barragem de Brumadinho. De acordo com o estudo da Vale, chamado Resultados do Gerenciamento de Riscos Geotécnicos, os custos de um eventual rompimento na barragem 1 da Mina do Córrego do Feijão poderiam chegar a US\$ 1,5 bilhão, ou cerca de R\$ 5,6 bilhões, pelo câmbio atual. A empresa optou pelo custo mais baixo, as vidas, a comprometer o lucro de seus acionistas.

No dia 10 de agosto de 2018, em Ipatinga, no interior de Minas Gerais, a explosão de um gásômetro da Usiminas, hospitalizou 34 funcionários e deixou uma população de mais de 250 mil habitantes em pânico. Dois dias antes, o operário Luís Fernando Pereira, de 38 anos, morreu ao inalar gás durante um serviço de rotina numa tubulação da siderúrgica.

Para as empresas privadas, investir em segurança no trabalho é um custo alto, que deve ser diminuído. Dessa forma, o potencial de desastres e acidentes do trabalho com a privatização da Petrobrás pode ser maior e tão grave quanto os que ocorreram em Minas Gerais.

As refinarias do estado de São Paulo são cercadas por comunidades, que abrigam milhares de pessoas. Permitir a privatização da Petrobrás será como acender um pavio curto de uma bomba, embebida em gasolina.

